

# Efeito do Ensino Médio no Ensino Universitário Brasileiro do Século XXI

Bianca Maria Alves dos Santos\*

Instituto de Ciências da Saúde, Campus Sinop  
Universidade Federal de Mato Grosso



\* Autor para correspondência: bmsantos1@gmail.com

## RESUMO

O presente artigo aborda dois aspectos do ensino, no Brasil, associados ao ingresso de estudantes do nível médio nas universidades e à sua formação profissional. Inicialmente foram enfocados os critérios de ensino, avaliação e seleção adotados nas escolas de nível médio, com o objetivo de possibilitar o ingresso do maior número de estudantes nas universidades públicas. Na abordagem posterior, foram avaliados os estudantes ingressantes nas universidades e suas dificuldades na progressão ao longo do curso universitário, resultantes de deficiências de conhecimento básico sólido. Em consequência disso, enfocou-se a necessidade de mudanças dos recursos docentes nas universidades para suprir a estagnação estudantil decorrente de formação prévia deficiente e evitar a evasão universitária.

**Palavras-chave:** Didática; Pedagogia do Ensino Médio; Estudante Universitário.

## ABSTRACT

This work describes two aspects of education in Brazil associated with: (1) entry of high school students into public universities and (2) vocational training. Initially, aspects of evaluation criteria and selection methods adopted by secondary schools were analyzed, with the aim of increasing the admission of students into public universities. Later, new university students were evaluated with respect to their difficulties in progressing in the university considering their disabilities and lack of basic training. It has been concluded that there has been a need for changes in university teaching resources in order to solve problems related to educational stagnation (given the poor education) and college dropout.

**Keywords:** High School; Teaching Methods; undergraduate Student.

## Introdução

De acordo com Piaget (1896-1980), o conhecimento é um processo que abrange a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia na busca de compreender o desenvolvimento intelectual humano. Assim, essa teoria procura integrar a construção do conhecimento por meio de estruturas cognitivas do indivíduo e o seu meio ambiente, tendo em vista a consolidação dos pensamentos. Nesse sentido, a educação torna-se a base que fundamenta o crescimento da sociedade, além de ser direito de todos os indivíduos.

Várias teorias pedagógicas buscam conciliar a aprendizagem ao ensino, enfatizando diferentes aspectos, como o estímulo de comportamentos

individuais (Comportamentalismo), a cognição e construção do conhecimento (Cognitivismo), ênfase à pessoa, crescimento pessoal e sentimentos (Humanismo), e ênfase à própria experiência vivida (Construtivismo). Assim, a elaboração do conhecimento envolve vários constituintes epistemológicos, como: ajustes às novas informações, etapas de adaptação e limitações individuais do aprendiz. Esses fatores fundamentam o processo do conhecimento e as bases para a prática do ensino.

A profissão de professor, nos diferentes níveis escolares, vem se modificando principalmente nos últimos anos. Gil (2007) atribuiu 27 papéis distintos como parte dessa profissão complexa. Entre os papéis principais, destacam-se o de edu-

gador, aprendiz, mentor, administrador, facilitador, assessor de estudos, agente de socialização, autoridade formal, especialista, modelo profissional, didata e diagnosticador de necessidades, dentre outros. No entanto, o papel mais importante do professor, segundo educadores, é o de ajudar o estudante a aprender.

O protótipo do estudante universitário brasileiro também tem se modificado a cada ano no que diz respeito à motivação, ao processo de assimilação e à maturidade, principalmente quando do ingresso no Ensino Superior, o que pode correlacionar-se com uma grande evasão antes da conclusão do curso. Libâneo (2007) realizou estudo com alunos do Ensino Médio público e constatou que entre cem ingressantes (1977-1984) somente dezessete concluíram o curso, de modo a sugerir que, além dos fatores externos, tanto a escola quanto os professores devem ter um papel fundamental nesse processo de exclusão, que o autor denominou “fracasso escolar”.

Nas últimas décadas do século XX, houve uma mudança mundial nas políticas educacionais que, em decorrência da globalização, se difundiu em vários países. Assim, tais transformações também atingiram o Brasil e causaram resultados adversos e opiniões contraditórias quanto à sua efetividade no ensino médio, que representa o alicerce para o nível superior. De algum modo, essas alterações curriculares devem afetar o desempenho no Ensino Superior, uma vez que o índice de reprovação é elevado entre os estudantes universitários.

A presente investigação objetivou abordar fatores associados à progressão dos estudantes universitários, principalmente no início dos respectivos cursos, tendo como base os métodos educacionais atuais adotados no sistema de Ensino Médio.

## Material e Métodos

### *Coleta de Dados*

Foram entrevistados grupos de estudantes do Ensino Médio (2º e 3º anos, de escolas públicas de cidades distintas, no Mato Grosso e em São Paulo), além de estudantes universitários (MT), tanto ingressantes (1º ano), quanto em estágios mais adiantados. O número total de alunos entrevistados foi  $n = 100$ ,

de duas escolas públicas do ensino médio ( $n = 45$ ) e de duas universidades, sendo uma pública e a outra privada ( $n = 55$ ). Nenhum dos estudantes entrevistados foi identificado, nem as escolas, para permitir maior liberdade de expressão sobre as questões abordadas. Os estudantes responderam ao questionário, que continha dez perguntas relacionadas às escolas em que estudam ou estudaram no curso médio, aos professores e aos próprios desenvolvimentos, ou rendimentos, durante o curso. As questões 1, 2 e 3 referiam-se especificamente ao Ensino Médio, de modo que os graduandos responderam o restante do questionário baseados no curso atual. Cada tópico avaliado constava de valores de 0 a 10, ou intervalos correspondentes (baixo/0-3, suficiente/4, regular/5-6, bom/7-8, ótimo/9-10), em relação às questões pessoais, conforme descrito na Tabela 1. Os resultados foram comparados entre os estudantes das duas escolas públicas de ensino médio, bem como entre os estudantes do ensino médio e universitário.

### *Análise dos Dados*

Os resultados das entrevistas foram divididos em três grupos comparativos: (1) parecer dos estudantes de escolas de Ensino Médio públicas; (2) parecer dos estudantes universitários de escola pública e escola privada; (3) parecer dos estudantes de Ensino Médio e universitários.

## Resultados

Os resultados obtidos a partir do questionário (Tabela 1), aplicado aos estudantes do Ensino Médio e Superior, constam nas Tabelas 2 e 3, respectivamente. As notas referentes às questões 1 a 6 foram expressas como médias  $\pm$  desvio padrão. Os dados relativos às avaliações pessoais (questões 7 a 10), como tempo de estudo, desempenho nas provas e sugestões para melhoria, constam na Figura 1. Esses dados foram expressos como porcentagens das respostas, de cada questão, pelos estudantes do Ensino Médio e Superior.

Alguns professores do Ensino Médio ( $n = 10$ ) também responderam a um questionário, elaborado com base nas questões aplicadas aos seus alunos (Tabela 1). Os resultados foram analisados e

1. Qual é a base de conhecimento que o Ensino Médio dá ao estudante? (0 a 10)
2. Qual é/era o seu preparo (conhecimento básico) para ingressar na universidade? (0 a 10)
3. O programa abordado no Ensino Médio auxilia o aluno no vestibular/Enem? (0 a 10)
4. Como você avalia o conhecimento dos professores (Ensino Médio)?  
a) ótimo      b) bom      c) regular      d) suficiente      e) baixo
5. O conhecimento dos professores auxilia no desenvolvimento dos estudantes? (0 a 10)
6. Como avalia o progresso do seu conhecimento baseado nas aulas e nos professores do Ensino Médio? (0 a 10)
7. Quais dos seguintes recursos de ensino são mais importantes para o entendimento dos estudantes?  
a) explicação do professor na sala de aula;  
b) conhecimento do professor;  
c) uso da internet;  
d) uso de livros;  
e) A e B são mais importantes;  
f) A e D são mais importantes;  
g) B e D são mais importantes.
8. Quais desses itens são os mais utilizados para o seu próprio desempenho nas provas?  
a) anotações das aulas;  
b) consulta a livros;  
c) consulta a informações na internet;  
d) estudo e discussão (em grupo) do próprio material da aula;  
e) discutir as dúvidas com o professor, no período das provas;
9. Quanto tempo de estudo você dedica ao curso que realiza?  
a) 1 hora por semana;  
b) 2 horas por semana;  
c) 4 horas por semana;  
d) acima de 4 horas por semana;  
e) somente 1 hora (na data da prova).
10. O que poderia ser alterado para que os estudantes melhorassem o desempenho no Enem e nos seus cursos? (Pode ser assinalada mais de uma resposta)  
a) o conteúdo lecionado no Ensino Médio;  
b) a estrutura das escolas de Ensino Médio;  
c) o nível de conhecimento dos professores;  
d) maior tempo de estudo e dedicação dos alunos;  
e) exigência maior das escolas em relação aos alunos.

Tabela 1 – Questionário sobre “Avaliação do Ensino para o Ingresso na Universidade”.

discutidos em comparação com as respostas dadas pelos estudantes. Por outro lado, alguns professores universitários foram consultados pessoalmente e manifestaram seus pareceres e experiências com base nas disciplinas que ministram, principalmente em relação aos discentes que ingressaram recentemente na universidade.

Nas avaliações dos alunos do Ensino Médio e superior (Figura 1), quanto ao nível de conhecimento dos professores de Ensino Médio para a formação dos estudantes, cerca de 66,7% dos estudantes de Ensino Médio atribuíram notas 7 a 10, em comparação a 54,5% dos universitários. Por outro lado, cerca de 20% dos universitários

consideraram nível regular (notas 5 e 6). Em relação ao preparo adquirido no Ensino Médio para o ingresso na universidade, as notas variaram de 5 a 10, entre os estudantes do Ensino Médio, e de 2 a 9 entre os universitários. Assim, cerca de 55,6% dos estudantes do Ensino Médio consideraram obter bom conhecimento e preparo (7 a 9), em comparação a 51% dos universitários.

Outros aspectos avaliados, em que as diferenças foram significativas, incluem: o conhecimento que o curso médio proporciona, o desempenho dos estudantes com base nos professores, a compreensão do programa ministrado e o tempo dedicado ao estudo. De acordo com a Figura 1, cerca de 56%

Questão avaliada	Escola 1 (MT)	Escola 2 (SP)
Base de conhecimento do Ensino Médio ao aluno	7,26 ± 1,67	7,07 ± 1,44
Preparo e conhecimento do aluno para a universidade	7,00 ± 1,45	6,93 ± 1,20
Programa ensinado e preparo para o vestibular/Enem	7,23 ± 2,09	7,00 ± 1,84
Influência do conhecimento dos professores	7,14 ± 1,46	6,93 ± 1,68
Nível dos professores e desenvolvimento dos estudantes	7,61 ± 1,75	7,93 ± 1,90
Progresso dos estudantes baseado nas aulas	7,56 ± 1,48	7,14 ± 1,20

Tabela 2 – Avaliação do Ensino por Estudantes de Escolas Públicas de Nível Médio. Média ± desvio padrão referentes às notas das questões respondidas pelos estudantes de escolas públicas do ensino médio, em uma cidade de São Paulo (n = 15) e outra do Mato Grosso (n = 30). Os valores de cada questão variavam de 0 a 10, ou níveis equivalentes (baixo: 0-3; suficiente: 4; regular: 5-6; bom: 7-8; e ótimo: 9-10).

Questão avaliada	Universidade pública (MT)	Universidade privada (MT)
Base de conhecimento obtido no Ensino Médio	6,48 ± 1,60	7,34 ± 1,75
Preparo e conhecimento do aluno para a universidade	6,38 ± 1,49	7,34 ± 1,54
Programa ensinado e preparo para o vestibular/Enem	6,63 ± 1,94	8,30 ± 1,97
Influência do conhecimento dos professores	6,60 ± 1,75	6,84 ± 1,62
Nível dos professores e desenvolvimento dos estudantes	8,26 ± 1,89	8,31 ± 1,65
Progresso dos estudantes baseado nas aulas	7,03 ± 1,31	7,69 ± 1,54

Tabela 3 – Avaliação do Ensino Médio por Estudantes de Nível Superior. Média ± desvio padrão referentes às notas de cada uma das questões respondidas pelos estudantes de universidades pública (n = 40) e privada (n = 15). Os valores de cada questão variavam de 0 a 10, ou níveis equivalentes (baixo: 0-3; suficiente: 4; regular: 5-6; bom: 7-8; e ótimo: 9-10).

dos estudantes universitários, em comparação com 75,6% do Ensino Médio, atribuíram notas 7 a 10 para a base de conhecimento que o Ensino Médio proporciona. Na comparação desse item entre duas escolas públicas de Ensino Médio, verificou-se que 60% das notas atribuídas por estudantes de uma cidade do Mato Grosso e 71% de São Paulo variavam de 7 a 10. Quando avaliados sobre a influência do conhecimento dos professores no desenvolvimento dos alunos, cerca de 62,2% dos estudantes do Ensino Médio e 83,6% dos universitários atribuíram notas 7 a 10. Na avaliação de tal item entre as escolas públicas de Ensino Médio, as notas de 7 a 10 constavam entre 52% e 64,3% dos estudantes do Mato Grosso e de São Paulo, respectivamente. Quando questionados se as aulas lhes proporcionavam progressos (entendimento), observou-se que os resultados considerados bons (notas 7 a 10) foram similares em ambos os grupos de estudantes (66,7% e 67,3%). No entanto, cerca de 25,5% dos universitários consideraram que seus progressos foram baixos (0 a 3). Quanto ao tempo de estudo dedicado ao curso médio e superior, somente 11% dos estudantes do Ensino Médio relataram quatro horas semanais, em comparação com aproximadamente 59% dos estudantes universitários.

## Discussão

É inquestionável, para qualquer professor, que nos últimos anos têm ocorrido mudanças drásticas nos métodos de ensino, dadas as facilidades de acesso a veículos como o computador e a internet. No entanto, também é evidente, e deve ser destacado, que o perfil dos estudantes vem mudando significativamente, não apenas sob o aspecto da maturidade, dos objetivos para ingressar no Ensino Superior e da motivação pelo curso que realizam, mas também quanto à falta de conhecimentos básicos e essenciais do Ensino Médio que, muitas vezes, não permite a evolução esperada nas universidades. A partir desses aspectos paradoxais, surgem questões que levam educadores e pedagogos a questionarem: como ensinar atualmente no Brasil?

Embora não seja objetivo desta análise relacionar conceitos e fundamentos psicopedagógicos, principalmente o método postulado por Piaget, sobre “compreender como o sujeito se constitui enquanto sujeito cognitivo, elaborador de conhecimentos válidos”, cabe salientar como o meio educacional influi nesse processo, considerando-se a faixa etária dos estudantes e a conseqüente maturidade psicológica para controle e elaboração de suas ideias. Assim, o meio de ensino, especialmente, pode tanto facilitar quanto dificultar o desenvolvimento

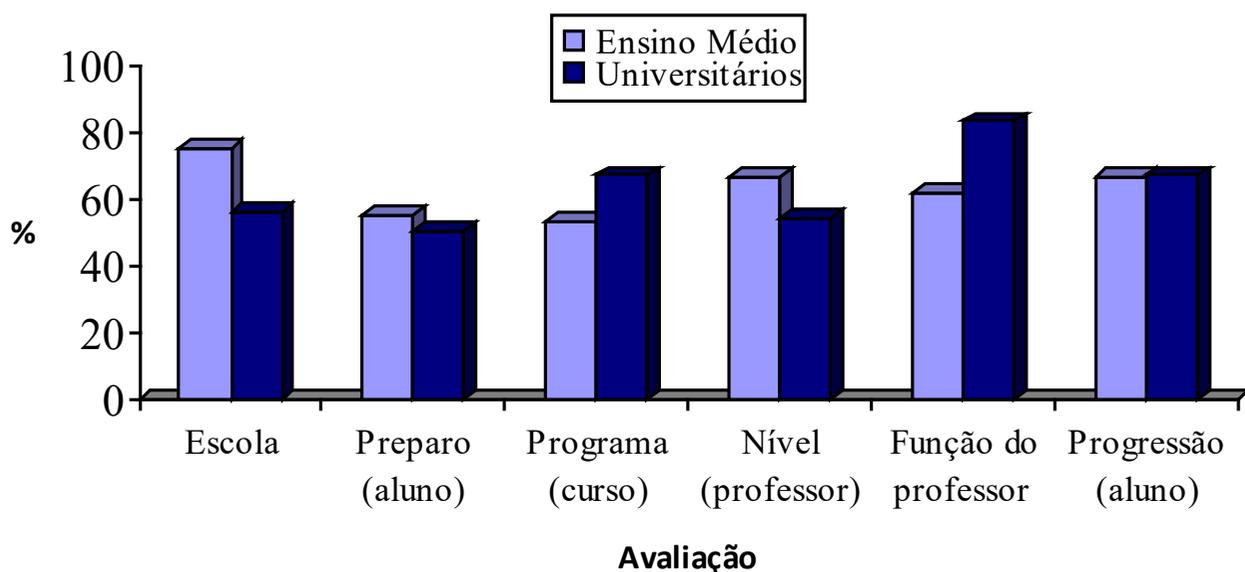


Figura 1 – Avaliação do ensino médio por estudantes do curso médio e do superior. Dados referentes às questões 1 a 6 (Tabela 1) expressos como porcentagens das melhores avaliações (notas 7 a 10), atribuídas por alunos do ensino médio (n = 45) e do superior (n = 55). Os valores das questões eram de 0 a 10.

intelectual (LIBÂNEO, 2007). Além disso, a diversidade regional da educação no Brasil e dos estudantes nas universidades correlaciona-se com um desnivelamento da educação nas escolas de Ensino Médio e, possivelmente, de Ensino Superior, nas diferentes regiões brasileiras. Nesse sentido, comparando-se os estudantes de Ensino Médio e Superior (ingressantes), do Norte e Sul/Sudeste do Brasil, é possível constatar que no Sul e Sudeste o nível de conhecimento dos estudantes, ainda que deficiente, mostra-se acima do que na região Norte. Essa afirmação baseia-se tanto nos dados obtidos quanto em observações pessoais, relativas à experiência didática com universitários em ambas as regiões, sendo mais de dois mil estudantes somente em São Paulo.

Alguns estudantes universitários, tanto ingressantes quanto formandos, descreveram as dificuldades encontradas no Ensino Médio como consequência da deficiência de conhecimento e didática dos seus professores. Por outro lado, alguns docentes do Ensino Médio entrevistados (MT) destacaram que os métodos atuais das escolas impossibilitam a reprovação devida, mesmo nos casos mais críticos, de estudantes com rendimento muito inferior à média. Segundo educadores, tal sistema busca proporcionar o processo evolutivo estudantil de acordo com a política educacional pública atual, mas, paralelamente, constata-se desinteresse da maioria dos estudantes pela aprendizagem. Este último fato também é evidente no meio universitário, conforme observação pessoal e de outros docentes, principalmente nos estágios iniciais dos cursos. A partir disso, pode-se inferir que muitos fatores estão relacionados nesse processo de interação escola-professores-estudantes, especialmente no Ensino Médio, o que leva principalmente ao comprometimento da qualidade da educação, até mesmo no nível superior. Não foi possível entrevistar estudantes do Ensino Médio de escolas privadas, o que seria útil para comparar os métodos de ensino e possíveis interferências sobre o desempenho desses estudantes nas universidades. No entanto, na análise dos universitários de uma escola privada, as notas que tais alunos atribuíram ao questionário foram maiores do que aquelas dadas por estudantes de Instituições de Ensino Superior públicas.

Na avaliação dos estudantes do Ensino Médio (Tabela 2), cerca de 46% consideraram essencial, para a compreensão do aluno, a exposição da matéria, feita pelo professor em sala de aula, de modo que suas anotações representavam o principal recurso (46%) de preparo para as provas. Por outro lado, somente 3,6% desses estudantes referiram a utilização de livros como fonte de aprendizado, o que implica que a pesquisa bibliográfica ainda é um recurso pouco usado por muitos estudantes do Ensino Médio. Quando comparados com os estudantes universitários, porém, cerca de 50% demonstraram utilizar livros como o principal recurso de aprendizado nos seus cursos atuais, tanto os estudantes ingressantes, quanto os formandos. Observa-se, assim, que o ingresso no nível superior envolve uma transição significativa nos métodos de aprendizagem e induz mudanças evidentes entre os padrões comportamentais de estudantes recém-formados no Ensino Médio, principalmente em relação aos métodos de estudo utilizados para desenvolver o conteúdo programático. Tal observação é mais notável no primeiro ano, o que justificaria o maior índice de reprovação entre estudantes que ingressam na universidade do que daqueles que estão nos últimos estágios do curso, conforme relatos dos professores universitários consultados e outras pesquisas e levantamentos. De fato, essa mudança comportamental dos estudantes universitários, como a utilização de livros e maior tempo de estudo, à medida que ocorre o avanço do curso, parece correlacionar-se tanto com a maturidade quanto com a motivação dos estudantes. Em relação ao tempo de estudo dedicado pelos estudantes do Ensino Médio, tal avaliação foi referida como apenas uma hora na data da prova, por 59% dos entrevistados. Embora 41% dos estudantes universitários relatassem quatro horas semanais de estudo ou mais (18,5%), cerca de 13% manifestaram que estudam somente uma hora na data da prova. No entanto, não foi avaliada a relação entre o tempo de estudo e o índice de aprovação dos estudantes universitários.

Com base em estatísticas e na própria rotina docente, verifica-se que o ensino no Brasil se tornou uma obrigatoriedade pouco atrativa aos estudantes. Assim, professores tentam, veementemente, formas

de cativar seus estudantes para o aprendizado, tanto nas escolas do Ensino Médio quanto nas universidades (LIBÂNIO, 2007), buscando métodos pedagógicos que proporcionem maior interesse pelo ensino e pelo conhecimento. As razões para tal comportamento estudantil são fatos a destacar, em vista do elevado grau de desconhecimento de conceitos básicos, bem como da alta taxa de reprovação dos estudantes ingressantes no curso universitário, em que muitos necessitam de aulas de nivelamento nas disciplinas básicas. Dessa maneira, é questionável se o fato de o sistema atual permitir baixa taxa de reprovação, no Ensino Médio, não contribui para o desinteresse dos estudantes em empenhar-se mais durante esse estágio educacional, ocasionando suas formações deficientes para progredir a um nível superior. Quando perguntado aos alunos do nível médio sobre os meios que deveriam ser utilizados para melhorar os seus desempenhos no Enem e no vestibular (Tabela 2), cerca de 64,2% dos entrevistados responderam que importam tanto o programa ministrado no nível médio quanto o empenho dos estudantes. Desse modo, 45% dos estudantes do Ensino Médio consideraram que o conteúdo programático abordado nas escolas e sua própria dedicação (21,4%) são os principais fatores que deveriam ser alterados, mas somente 5% do total dos entrevistados entendem que a exigência das escolas, em relação aos estudantes, deveria ser a principal alteração para o seu melhor rendimento escolar. O baixo desempenho escolar, embora associado por alguns pedagogos à falta de didática dos professores, também pode ser atribuído ao provável descompromisso, imaturidade ou negligência dos próprios estudantes e, conseqüentemente, influi na evolução do conhecimento. Essas observações poderiam ser relacionadas com as teorias do desenvolvimento cognitivo e construtivismo, incluindo as teorias relatadas por Piaget (“tudo aquilo que se ensina à criança impede que ela o invente”, ou “o processo cognitivo é interativo e construtivo”) e Descartes (“penso, logo existo”). Nesse sentido, diversos pedagogos buscam aplicar métodos variados de ensino, com o objetivo de obter resultados mais satisfatórios no desenvolvimento dos estudantes, principalmente no nível médio. Assim, os princípios

da “escola nova”, enfatizados a partir dos anos 1970, são considerados importantes para o conhecimento que o próprio aluno deve construir. No entanto, se o método pedagógico atual do Ensino Médio brasileiro se baseia no próprio desenvolvimento do aluno, estimulando-o a ser autônomo, pelo construtivismo e a aplicação da pedagogia liberal, a motivação estudantil deveria ser mais evidente, já que a pedagogia tradicional tem sido abandonada em prol de teorias pedagógicas mais humanistas (LUCKESI, 2001). Tal correlação também é evidenciada por pesquisadores da área educacional (AMARAL, 2008). Vários aspectos parecem interferir nesse processo educacional, incluindo o crescimento gradual do estudante, de acordo com a faixa etária e suas aptidões, e devem ser avaliados mais detalhadamente, uma vez que a repetência continua a ser um problema evidente no Ensino Médio brasileiro. De acordo com educadores, as causas principais de tal obstáculo são a falta de preparo dos professores e das escolas, que apenas instruem os estudantes para passar no vestibular/Enem.

Segundo Gil (2007), a maioria dos professores universitários não tem conhecimento amplo, nem faz uso de técnicas didáticas mais dirigidas à disciplina, para aplicar aos seus estudantes, de modo que o “discurso”, ou a aula expositiva, ainda é o método mais utilizado pela maioria dos professores. Com base nesse princípio, quando avaliadas as formas selecionadas pelos estudantes, tanto os do Ensino Médio quanto os universitários, para adquirirem conhecimento mais facilmente, cerca de 50% e 70%, respectivamente, consideraram que a explicação do professor ainda representa a forma mais efetiva para a compreensão do estudo. Embora o MEC proponha a interdisciplinaridade como a maneira mais adequada para a evolução dos estudantes, tal mecanismo ainda representa uma dificuldade evidente no século XXI. Desse modo, o conhecimento e a comunicação ainda são os meios aos quais a maioria dos professores universitários recorre para proporcionar a compreensão e o avanço dos seus estudantes. De acordo com o filósofo e educador Luckesi (2001), a relação educador-educando deve ser mais ativa, embora ainda

siga os moldes mais antigos e tradicionais, em que o aluno é passivo. Nesse sentido, o sociólogo e pedagogo Gil (2007) também destaca que mesmo o educador mais dedicado ao ensino recebe críticas quanto a essa postura, chamada de “educação bancária” por Paulo Freire, em que “o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; [...] o educador é o que pensa; os educandos, os pensadores; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente”. Em outras palavras, os novos métodos indicados à progressão na pedagogia do Ensino Superior evidenciam que o aluno, antes passivo, deve ser hoje substituído pelo aluno ativo na aprendizagem (GIL, 2007). No entanto, tais conceitos didáticos que propõem o crescimento individual do aluno, por meio de sua própria visão e método de estudo (construtivismo), tendo como base os princípios de Piaget e da “escola nova”, foram abandonados por muitos países, inclusive pelos Estados Unidos, devido a serem os resultados menos eficazes do que os dos métodos pedagógicos tradicionais (BORTOLOTTI, 2010). Tal fato associa-se às experiências do Ensino Médio brasileiro, nos últimos anos, embora alguns professores entrevistados julguem este método de ensino com valor superior aos sistemas anteriores. Entretanto, a maioria desses docentes concorda que a maior parte dos alunos não tem motivação em aprender pelo método pedagógico atual. Analisando-se o rendimento dos estudantes ingressantes na universidade, ou relatos de outros professores, além das notas obtidas no Enem, esse fato não corresponde ao resultado proposto pela teoria construtivista. Embora o valor de seus fundamentos seja inquestionável, e estes possam ser aplicados nas escolas, a utilização de métodos pedagógicos denominados “liberais”, como o atual, ainda parece ser de pouco domínio pelos próprios professores do Ensino Médio, o que deve causar uma perda de referência aos estudantes. Libâneo (2007) enfatizou que a didática é imprescindível, mesmo após um nível de conhecimento alcançado, proporcionando capacidade de assimilação e desenvolvimento mental do aluno, de modo que a formação de professores ainda merece respeito especial no Brasil (PIMENTA, 2007). Por outro

lado, o uso exclusivo de um método pedagógico, como o cognitismo, o construtivismo, ou o humanismo, não parece mostrar-se viável nem mesmo nas universidades, para obter melhor rendimento na aprendizagem, seja devido ao perfil heterogêneo dos estudantes, seja por causa do tempo disponível para cumprir o conteúdo programático.

Recentemente, o uso da plataforma Moodle como procedimento didático tem se destacado, pois os recursos de informática parecem estimular o interesse dos estudantes. Por isso, tornou-se um método atrativo para a participação mais ativa dos estudantes nas disciplinas que cursam. Mesmo assim, um determinante essencial da dificuldade no progresso dos graduandos permanecerá provavelmente inalterado se os próprios estudantes não desenvolverem responsabilidade por seus desempenhos, ou seja, se não apresentarem uma participação mais ativa no processo de aprendizagem, conforme proposto por vários educadores (AMARAL, 2008). Desse modo, os estudantes devem estar cientes de que são os principais personagens de seu próprio crescimento, ou progresso profissional, bem como cientes de que o conhecimento e a formação educacional representam os seus maiores direitos na universidade. Assim, no processo de ensino-aprendizagem, o professor terá o papel de orientador e, embora tenha uma função essencial, não dispõe de poder extra, na relação educador-educando, para proporcionar a evolução dos estudantes sem a participação deles. A partir disso, supõe-se que nem mesmo o uso de diferentes métodos pedagógicos possa influir significativamente sobre o processo educacional desde a formação básica se não ocorrer a reciprocidade dos estudantes.

Na comparação dos resultados da presente análise com registros do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e com avaliações educacionais da consultoria britânica Economist Intelligence Unit (EIU) referentes ao ensino, observa-se uma correlação direta entre os dados. De fato, no ano 2012, o nível educacional no Brasil apresentou-se inferior a diversos países do Mercosul, segundo dados da Unesco. Da mesma maneira, a pesquisa “Curva do Aprendizado” da EIU, relacionando

a qualidade de sistemas educacionais (2006-2010), demonstrou que, entre quarenta países, os estudantes brasileiros classificaram-se em penúltimo lugar.

### Conclusão

Conforme registros da Capes, a cada ano há aumento do número de professores universitários pós-graduados, o que representa um fator favorável à melhoria do Ensino Superior no Brasil. No entanto, a partir de dados da Unesco sobre o nível educacional no Brasil (2012), classificado como 88º entre 127 países avaliados (PINHO, 2011), supõe-se que nem mesmo tais profissionais proporcionem um progresso significativo dos estudantes universitários se a cada ano os docentes forem requisitados para suprir deficiências fundamentais referentes ao Ensino Médio. Isso acarretará perda ou mesmo regressão da qualidade do ensino das universidades brasileiras e, conseqüentemente, da formação profissional.

### Referências Bibliográficas

AMARAL, M. N. P. *Ninguém Ensina Ninguém: Aprende-se*. São Paulo: Edusp, 2008.

BORTOLOTTI, M. Salto no Escuro. *Revista Veja*. São Paulo, n. 2164, maio 2010, Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/sistema-educativo-brasileiro-constructivismo-piores-ensino-veja-559111.shtml>>. Acessado em 10 out. 2016.

BRASIL Fica em Penúltimo Lugar em Ranking Global de Educação. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121127\\_educacao\\_ranking\\_eiu\\_jp](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121127_educacao_ranking_eiu_jp)>. Acessado em 10 out. 2016.

FREIRE, P. *Educação Escolar de Jovens e Adultos*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2010.

GIL, A. C. *Didática no Ensino Superior*. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 27. reimp. São Paulo: Cortez, 2007.

LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. 16. reimp. São Paulo: Cortez, 2001.

PIAGET, J. *Para Onde Vai a Educação?* 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

PIMENTA, S. G. "Formação de Professores: Saberes da Docência e Identidade do Professor". In: FAZENDA, I. *Didática e Interdisciplinaridade*. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007, pp. 161-178.

PINHO, A. "Brasil Fica no 88º em Ranking de Educação da Unesco". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/882676-brasil-fica-no-88-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco.shtml>>. Acessado em 10 out. 2016.

*Publicado em 11/11/2016.*